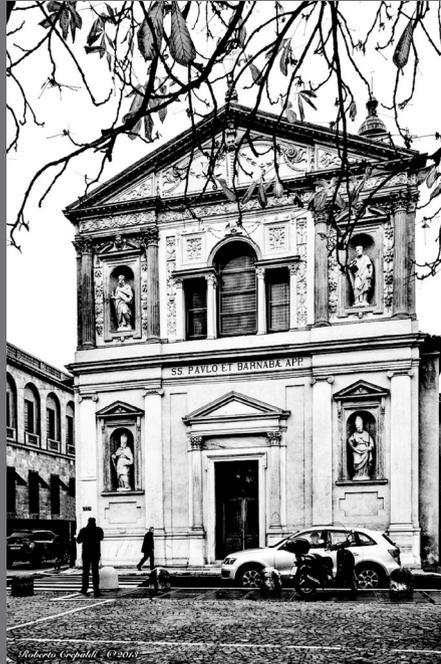


Giovanni M. Rizzi



**Antônio Maria Zaccaria faz
uma releitura de Barnabé**

Padres e Irmãos Barnabitas 2019

Nossa capa
Igreja dos Apóstolos Paulo e Barnabé
Casa Mãe dos Barnabitas
Milão Itália

Giovanni M. Rizzi

**Antônio Maria Zaccaria
faz uma releitura de Barnabé**

Padres e Irmãos Barnabitas 2019

APRESENTANDO

Esse caderno traz um artigo, dividido em três partes, do renomado biblista barnabita, Padre Giovanni M. Rizzi.

O artigo trata da releitura que nosso Fundador faz da atuação de São Barnabé em favor de Saulo/Paulo diante da comunidade cristã de Jerusalém, ao escrever às Angélicas a respeito do comportamento de Paula Antonia Negri e suas consequências para a formação das noviças.

A carta foi escrita em Guastalla aos 10 de junho de 1539, faltando menos de um mês para a morte de Santo Antônio Maria Zaccaria. A carta é a 9, conforme as várias edições dos Escritos do Fundador e é considerada, junto com as duas seguintes, como o testamento espiritual de Santo Antônio Maria Zaccaria. Nela, o nosso santo se compara a Barnabé e age para apresentar certas atitudes da Angélica Negri, que estavam fora do eixo do comportamento

adequado a uma religiosa, mas que, nela, eram a expressão do desejo de se sentir desprezada e humilhada que, como vai dizer o autor do artigo, eram do gosto dos primeiros zaccarianos. Basta verificar a frase que Identifica o nosso carisma para comprovar essa prática: “... *a verdadeira finalidade da Reforma revela-se nisto: que procuremos tão somente a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos e só injúrias, para que os reformadores considerem agradável o ser desprezados*” (31608).

Acredito que esse caderno será útil para compreender muito melhor as intenções de nosso Fundador quando escreveu seu testamento às suas amadas filhas, as Angélicas de São Paulo.

Pe. Luiz Antônio do Nascimento
Pereira CRSP
Rio de Janeiro, setembro de 2019

Antônio Maria Zaccaria faz uma releitura de Barnabé

1

Somos conhecidos como Barnabitas. A atual denominação de nossa Congregação se sobrepôs e se impôs à denominação oficial de Clérigos Regulares de São Paulo, com a qual se designa juridicamente o ramo masculino da família zaccariana, composta, na verdade, pelos “filhos de Paulo Santo”, - de acordo com a linguagem de Antônio Maria Zaccaria -, das Angélicas de São Paulo e dos casais.

Se quisermos ser mais precisos, devemos dizer que, depois da controvertida e turbulenta história das origens da família zaccariana, sobretudo depois da morte do Fundador, a denominação do ramo masculino da nova família de inspiração paulina, se referia a São Paulo “Degolado”. No entanto, por mais que o aspecto dos sofrimentos apostólicos e o próprio martírio de São Paulo fossem importantes para a espiritualidade dos inícios da família zaccariana, os padres avaliaram como supérfluo o título de “Degolado”, considerando que a motivação principal da espiritualidade paulina, na qual se inspiravam, era o zelo apostólico de São Paulo. Certamente, tudo isso estava de acordo com o espírito da época e com a mensagem que o Espírito Santo difundia na Igreja do século 16: a REFORMA! Nosso Fundador tinha feito seu aquele termo, embora já tivesse percebido a interpretação da palavra “reforma”, que se configurava no Norte da Europa e que não o convenia de jeito nenhum, além de levantar suspeitas junto à Cúria Romana; por esse motivo, encontramos várias vezes a palavra renovação em vez de reforma nos Escritos de Santo Antônio Maria Zaccaria.

Por outro lado, além das questões da espiritualidade paulina e das controvérsias eclesiais que se manifestavam, prevaleceu desde as nossas origens a denominação popular de BARNABITAS para o ramo masculino da família zaccariana e continua prevalecendo até hoje. O

povo de Milão, desde o início, se acostumou a chamar de Barnabitas os padres que serviam na igreja de São Barnabé, em Milão. Hoje a igreja tem, a seu lado, o Instituto Zaccaria, fica a poucos passos da Sinagoga e está em frente à Clínica Mangiagalli, na Via (Rua) della Commenda.

Antônio Maria Zaccaria valoriza a figura de São Barnabé

As circunstâncias que levaram o ramo masculino da família zaccariana a ser denominado de Barnabitas, oferecem a possibilidade de compreender melhor um aspecto da espiritualidade dos Clérigos Regulares de São Paulo. Talvez seja necessário fazer uma revisão da nossa história com esse propósito, mas isso pode ficar a cargo dos que se ocupam da história da Ordem. Aqui basta lembrar como Antônio Maria Zaccaria, na **Carta 9**, escrita em Guastalla no dia 10 de junho de 1539, na véspera da festa de São Barnabé e endereçada a Paula Antônia Negri, ele se refira às atitudes de Barnabé em relação a Paulo.

Zaccaria, na realidade, propõe uma releitura da importância de Barnabé na vida de Saulo, - que depois se tornou Paulo - de acordo com as circunstâncias e por causa dos motivos da carta endereçada a Paula Antônia Negri: *“Minha querida filha em Cristo [Paula Antonia Negri] e todas as outras. Amanhã é a festa do companheiro do apóstolo São Paulo, São Barnabé. Não posso, portanto, deixar de agir com vocês do mesmo modo que ele agiu em relação a Paulo, que desejaria ser pessoalmente e de maneira transparente um exemplo vivo do Cristo Crucificado. Você sabe que Paulo, quando foi pela primeira vez a Jerusalém, logo depois da sua conversão, procurava um jeito para inserir-se entre os outros cristãos e de entrosar-se com eles, para ser reconhecido por todos, como cristão. Mas, eles, tendo medo de que Paulo ainda fosse o que era antes, não tinham coragem de andar com ele. Barnabé, então, pegou-o pela mão e o levou aos Apóstolos e disse: Eis aquele que era... etc. e depois Cristo lhe apareceu... etc. e fez e disse... etc. (At.9,26-27) e assim, na presença deles, tornou-o conhecido de todos. Enquanto*

Paulo permanecia quase escondido, muito satisfeito da vida, sem medo de ser dominado pelo orgulho, Barnabé o apresentou a todos os cristãos como uma coluna e como aquele que quase tinha chegado a ser o primeiro entre os Apóstolos” [cf. At 9,28] (10901-03).

O trecho inicial da carta 9 do Fundador citado acima é, também, a chave para compreendermos a carta inteira, escrita com o propósito de fazer uma releitura atualizada do comportamento de Barnabé em relação a Saulo/Paulo. Sua fonte é o trecho de At 9, 26-28: “²⁶ Saulo chegou a Jerusalém, e procurou juntar-se aos discípulos. Mas todos tinham medo dele, pois não acreditavam que ele fosse discípulo. ²⁷ Então Barnabé tomou Saulo consigo, o apresentou aos apóstolos, e lhes contou como Saulo, no caminho, tinha visto o Senhor, como o Senhor lhe havia falado, e como ele tinha pregado corajosamente em nome de Jesus na cidade de Damasco. ²⁸ Daí em diante, Saulo ficou em Jerusalém com eles, e pregava corajosamente em nome do Senhor”. Por outro lado, Antônio Maria Zaccaria teve o cuidado, na carta, para distinguir bem a fisionomia espiritual de Saulo da de Paulo, que foi um aspecto histórico evidente, mas muito significativo para ele poder atualizar o paradigma bíblico.

A atualização zaccariana se refere ao comportamento um tanto estranho e, quem sabe, excêntrico de Paula Antonia Negri, motivada por boas intenções, mas as consequências desse comportamento eram danosas para as noviças e para si mesma. Na carta, Antônio Maria explica à Negri que gostaria de proceder com ela, da mesma forma que Barnabé procedeu com Saulo, como podemos compreender claramente no capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos.

O estilo desta carta particular permite a Antônio Maria reelaborar livremente a narração de At 9,1ss, recorrendo a paráfrases e às alusões ao texto bíblico, ao ponto de dramatizar seus conteúdos sob a forma de discurso na primeira pessoa. Trata-se do estilo clássico e ágil de Zaccaria, que faz referência aos textos substanciais da Bíblia e evita a solenidade da língua latina com as citações da Vulgata. Em vez disso,

ele usa a língua italiana falada na sua época, sem perder tempo com a exatidão formal das citações. Tudo isso estava em sintonia com a clara intenção de não utilizar a Bíblia no “modo parisiense”, e sim de acordo com a linguagem com que ele se expressou no capítulo 9 das suas Constituições sobre as Reuniões [cf 30904].

O trecho da Carta 9 citado anteriormente, deixa clara a convicção de Antônio Maria Zaccaria de que Paulo era realmente “douto”, de acordo com a acepção espiritual positiva, que transparece do texto de 1Cor 2,6-7: *“⁶Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo nem pelas autoridades passageiras deste mundo. ⁷Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, que ele projetou desde o princípio do mundo, para nos levar à sua glória”*. Isso está de acordo com a estima de que Paulo gozou imediatamente na tradição cristã antiga, tal como lemos em 2Pt 3,15-16: *“¹⁵Considerem que a paciência de Deus para conosco tem em vista a nossa salvação conforme escreveu para vocês o nosso amado irmão Paulo, segundo a sabedoria que lhe foi dada. ¹⁶Em todas as suas cartas ele fala disso. É verdade que nelas há alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes distorcem para a sua própria perdição”*. Ele podia, portanto afirmar, sem contar vantagem e sem presunção, *“que desejaria ser pessoalmente e de maneira transparente [na opinião de todos] um exemplo vivo do Cristo Crucificado [sofredor, que padeceu].”* (10901). Esta afirmação zaccariana frequente, breve e resumida no caso da expressão *“exemplo vivo do Cristo Crucificado”* nos leva a várias passagens em que o próprio Paulo não hesita em propor-se aos cristãos de suas comunidades como um exemplo a ser imitado, especialmente quando faz referência a tudo que o próprio Jesus viveu: *“Portanto, eu lhes dou um conselho: sejam meus imitadores”* (1Cor 4,16). *“Sejam meus imitadores como eu o sou de Cristo”* (1Cor 11,1). *“Pois Deus concedeu a vocês não só a graça de acreditar em Cristo, mas também de sofrer por Ele, empenhados na mesma luta em que vocês me viram empenhado e na qual, como vocês*

sabem, ainda agora me empenho” (Fl 1,29-30). “*E vocês imitaram o nosso exemplo e o exemplo do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações*” (1Ts 1,6).

Na economia da Carta 9, descobrimos que Zaccaria tem uma consciência precisa ao saber usar o paradigma bíblico **Barnabé-Paulo** de uma forma bastante analógica: a Bíblia ajuda a interpretar as situações concretas da vida.

2

Depois da premissa inicial, a carta 9 faz uma rápida alusão à narração da conversão de Saulo, o perseguidor (At 9,1-9), afirmando simplesmente: “*Paulo, logo depois da sua conversão*” (10902), deixando para aludir a outros detalhes desse acontecimento logo adiante.

Zaccaria está preocupado, antes de mais nada, em tornar clara e bem determinada, a tentativa de Saulo de entrar em contato com a comunidade cristã: “*Paulo foi pela primeira vez a Jerusalém logo depois da sua conversão, procurava um jeito para inserir-se entre os outros cristãos e de entrosar-se com eles, para ser reconhecido por todos, como cristão*” (10902). Quanto ao pouco que se fala em At 9.26a (“*Saulo chegou a Jerusalém e procurava juntar-se aos discípulos*”), Zaccaria amplia a visão na sua paráfrase, com a finalidade de realçar melhor a mediação exercida por Barnabé em favor de Saulo e, por conseguinte, da sua própria mediação em favor de Paula Negri diante das noviças.

Zaccaria ainda concede um bom espaço à paráfrase de poucas palavras de Atos 9,26b (“*Todos tinham medo dele, pois não acreditavam que fosse discípulo*”), a respeito da desconfiança que a comunidade cristã de Jerusalém tinha de Saulo: “*Mas, eles, tendo medo de que Paulo ainda fosse o que era antes, não tinham coragem de andar com ele*” (10902). Também nesse caso, fica evidente que Zaccaria quer realçar o papel de Barnabé ao interceder em favor de Saulo e também o seu

próprio papel do em favor da Negri.

A paráfrase a respeito de At 9,27 é a seguinte: “ *Barnabé, então, pegou-o pela mão e o levou aos Apóstolos e disse: Eis aquele que era... [e durante a viagem viu o Senhor] e depois Cristo lhe apareceu e [lhe falou] disse [que, em Damasco, ele tinha pregado corajosamente, em nome do Senhor] (10903). Zaccaria também dramatiza a fala direta de Barnabé, que não aparece no texto bíblico original: “Barnabé, então, pegou-o pela mão e o levou aos Apóstolos e disse: Eis aquele que era... etc. e depois Cristo lhe apareceu... etc. e fez e disse... etc” (10903). Zaccaria, por sua vez, quando fez a sua reformulação do texto bíblico, se refere a ele usando seu costumeiro estilo simples, e explicita a função de Barnabé em relação a Saulo como “pegou-o pela mão” e “o levou aos apóstolos”, servindo-se da boa fama de que o próprio Barnabé gozava junto à comunidade cristã de Jerusalém desde o seu início, conforme nos relatam Atos 4,36-37: “³⁶ Foi assim que procedeu José, levita que nasceu em Chipre, apelidado pelos apóstolos com o nome de Barnabé, que significa filho da consolação [exortação]. ³⁷ Ele vendeu o campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos”.*

Ainda mais uma vez, tendo a intenção de explicitar a alusão ao trecho de At 9,27, a paráfrase zaccariana do texto bíblico introduz o discurso de Barnabé dirigido aos apóstolos: “ *Eis aquele que era... etc... e depois Cristo lhe apareceu... etc. e fez e disse... etc” (10903). Trata-se, evidentemente, de uma reconstrução livre que se refere, de maneira concisa, a tudo que o capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos contou. Os Atos dos Apóstolos fazem uma descrição detalhada do comportamento de Saulo, perseguidor das comunidades cristãs, da seguinte maneira: “Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Ele apresentou-se ao sumo sacerdote, e pediu carta de apresentação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o Caminho” (At 9,1-2). Esse trecho se transforma em “Eis aquele que era... etc.”,*

colocadas na boca de Barnabé em 10903.

Vejamos agora a cristofania que aconteceu com Saulo no caminho de Damasco, como nos contam os Atos dos Apóstolos: *“Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que você me persegue? Saulo perguntou: Quem és tu, Senhor? A voz respondeu: Eu sou Jesus, a quem você está perseguindo. Agora, levante-se e entra na cidade e aí dirão o que você deve fazer. Os homens que acompanhavam Saulo ficaram cheios de espanto, porque ouviam a voz e não viam ninguém”* (At 9,3-7). Esse texto é condensado por Santo Antônio Maria Zaccaria da seguinte maneira: *“depois Cristo lhe apareceu... etc.”*. E Saulo obedeceu às palavras que ouviu na cristofania e foi batizado, conforme a narração de Atos 9,8-19a: *“⁸ Saulo se levantou do chão e abriu os olhos, mas não conseguia ver nada, Então o pegaram pela mão e o levaram para Damasco. ⁹ E Saulo ficou três dias sem poder ver, e não comeu nem bebeu nada. ¹⁰ Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: ‘Ananias!’ E Ananias respondeu: ‘Aqui estou, Senhor!’ ¹¹ E o Senhor disse: ‘Prepare-se e vá até a rua que se chama rua Direita e procure, na casa de Judas, um homem chamado Saulo, apelidado Saulo de Tarso Ele está rezando ¹² e acaba de ter uma visão. De fato, ele viu um homem chamado Ananias impondo-lhe as mãos para que recuperasse a vista’. ¹³ Ananias respondeu: ‘Senhor, já ouvi muita gente falar desse homem e do mal que ele fez aos teus fiéis em Jerusalém. ¹⁴ E aqui em Damasco ele tem plenos poderes, que recebeu dos chefes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome’. ¹⁵ Mas o Senhor disse a Ananias: ‘Vá, porque este homem é um instrumento que eu escolhi para anunciar o meu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel. ¹⁶ Eu vou mostrar a Saulo o quanto ele vai sofrer por causa do meu nome’. ¹⁷ Então Ananias saiu, entrou na casa e impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: ‘Saulo, meu irmão, o Senhor Jesus que lhe apareceu quando você vinha pelo caminho, me mandou*

aqui para que você recupere a vista e fique cheio do Espírito Santo”.

¹⁸ Imediatamente caiu dos olhos de Saulo alguma coisa parecida com escamas, e ele recuperou a vista. Em seguida, Saulo se levantou e foi batizado. ^{19a} Logo depois comeu e bebeu e ficou forte como antes,”

A paráfrase zaccariana que se refere a estes versículos dos Atos dos Apóstolos diz simplesmente: “e fez”. Foi diferente com a que se refere à arriscadíssima pregação de Paulo em Damasco, durante a qual ele correu sério risco de ser morto. Vamos tomar conhecimento desta pregação conforme At 19b-25: “^{19b} Saulo passou então alguns dias com os discípulos em Damasco. ²⁰ E logo começou a pregar nas sinagogas, afirmando que Jesus é o Filho de Deus. ²¹ Os ouvintes ficavam impressionados e comentavam: ‘Não é este o homem que descarregava em Jerusalém a sua fúria contra os que invocavam o nome de Jesus? E não é ele que veio aqui justamente para os prender e levar aos chefes dos sacerdotes?’ ²² No entanto, Saulo se fortalecia cada vez mais e deixava confusos os judeus que moravam em Damasco, de mostrando que Jesus é o Messias; ²³ Passado algum tempo, os judeus fizeram uma trama para matar Saulo, ²⁴ mas seus planos chegaram ao conhecimento de Saulo. Os judeus montavam guarda também, dia e noite, junto às portas da cidade, a fim de o eliminar. ²⁵ Os discípulos dele, porém, o tomaram de noite e o fizeram descer pela muralha dentro de um cesto”.

Esse trecho é resumido na Carta 9 como: “e disse ... etc” (10902).

A paráfrase zaccariana é mais extensa a propósito dos efeitos da mediação de Barnabé, junto aos Apóstolos, a favor de Saulo (cf. At 9,27-28): “e assim, na presença deles, tornou-o conhecido de todos. Enquanto Paulo permanecia quase escondido, muito satisfeito da vida, sem medo de ser dominado pelo orgulho, Barnabé o apresentou a todos os cristãos como uma coluna e como aquele que quase tinha chegado a ser o primeiro entre os Apóstolos” (10903).

A paráfrase zaccariana, então, se tornou uma interpretação autêntica de At 9,27-28: (27) *Barnabé, então, pegou-o pela mão e o levou aos Apóstolos e disse: Eis aquele que era... etc. e depois Cristo lhe*

apareceu... etc. e fez e disse... etc.” e (28) [E assim, Saulo pôde permanecer com eles; ia e vinha por Jerusalém, pregando livremente em nome do Senhor]*

Zaccaria explicita a mediação de Barnabé como uma “divulgação de Saulo” junto à comunidade cristã de Jerusalém, sem ficar ciumento, muito pelo contrário, o próprio Barnabé se comportou discretamente, permanecendo em segundo plano, mas feliz pela acolhida dispensada a Saulo e pelos elogios que eram feitos a ele. Além disso, Barnabé não se sentia orgulhoso, achando que eram seus os méritos por causa da nova situação de Saulo. A interpretação zaccariana vai além do texto de Atos 9: Barnabé é quem conseguiu apresentar aquêle que, depois, se tornaria Paulo, uma das colunas da Igreja dos Apóstolos, da mesma forma como o próprio Paulo, na carta aos gálatas, considera Tiago, o parente do Senhor, Pedro e João como colunas: *“Por isso, Pedro, Tiago e João, considerados como colunas, reconheceram a graça que me fora concedida, estenderam a mão a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão; nós trabalhamos com os pagãos e eles com os circuncidados”* (Gl 2,9); Por fim, Zaccaria atribui ao próprio Barnabé a apresentação de Paulo como o Apóstolo por excelência, tal como, depois, a tradição cristã percebeu a importância de Paulo na vida da Igreja dos Apóstolos.

3

A interpretação zaccariana da figura de Barnabé, mesmo associando passagens sucessivas da aventura e da fama de Paulo, consegue iluminar bastante a compreensão abrangente da figura de Barnabé no Novo Testamento. Por outro lado, Santo Antônio Maria Zaccaria queria valorizar, de fato, a função de mediador e de hermeneuta de Barnabé em relação a Saulo/Paulo, isto é, dois rostos da mesma pessoa a serem compreendidos ao mesmo tempo: superficialmente (Saulo) e mais pro-

fundamente (Paulo) como sendo a mesma pessoa. Uma hermenêutica semelhante é aplicada ao longo da Carta 9, porque Santo Antônio Maria Zaccaria quis exercer o mesmo papel de Barnabé em relação à situação de Paula Antonia Negri: *“Barnabé diz: Saulo, ou seja, o rosto do nosso primeiro homem é a imagem das nossas primeiras inclinações: as nossas paixões”* (10905)

A hermenêutica zaccariana se aplica concretamente a Paula Antonia Negri. Ela gosta muito de se comportar como se fosse uma religiosa negligente, cheia de caprichos, e assim por diante, não porque o seja por natureza, mas para ser desprezada, procurando, portanto, aquelas humilhações que, segundo a espiritualidade zaccariana, eram o caminho para se chegar a uma verdadeira consistência espiritual. Mas, apesar das boas intenções da religiosa, os efeitos de seu comportamento eram desconcertantes para quem convivia com ela, principalmente para as noviças, e deixavam transparecer algo de inadequado à sua própria personalidade, ou seja, um excesso de zelo, cujos desdobramentos não poderiam ser facilmente justificados numa personalidade tão forte como a da Negri. Era, portanto, indispensável que alguém, do mesmo jeito de Barnabé, introduzisse na comunidade cristã e lhe explicasse quem era aquela que se escondia sob as aparências de Saulo. Por outro lado, a lista das esquisitices da estratégia espiritual de Paula Antonia Negri, é um exemplo preciso e sutil que Zaccaria apresenta, não são pouca coisa e se resumem numa tipologia bíblica sóbria e ao mesmo tempo essencial: *“Essas situações e outras parecidas são o Saulo, isto é, mostram a figura do homem imperfeito”* (10908).

Aqui se exige a intervenção de “Barnabé” para explicar que tudo isso não é Saulo, mas olhando com maior profundidade, já é Paulo: *“Mas, não critiquem - diz Barnabé - pois fiquem sabendo que a este ou esta, que parecem ter estes defeitos, o Cristo apareceu, etc... Fiquem sabendo, minhas filhas, que na irmã Paula Antônia, encontrarão uma maneira interna e externa de ser santa. Se quiserem conhecer bem toda a sua vida, ou se eu revelar quem é esta pobre mulher, tenho quase cer-*

teza que ela ficará envergonhada e abaixará a cabeça para não passar pela santa que é” (10909).

Zaccaria retoma a sua paráfrase de At 9,27 citada no início da carta a propósito da cristofania de Damasco e a aplica à mais profunda situação interior e espiritual de Paula Antonia Negri. Essa é uma estratégia especial para se chegar à verdadeira humildade. De fato, Antônio Maria Zaccaria traz à luz com sinceridade muitos dons espirituais da Negri, inclusive o esforço dela para conformar-se à espiritualidade de Paulo como, por exemplo, ao procurar sua única consolação em Cristo: *“é que deseja passar por ridícula e porque quer ser tratada como quem não entende das coisas e não quer parecer que já tem o consolo do Cristo Crucificado ou mesmo as instruções do apóstolo Paulo”* (10911). Zaccaria tem profunda intuição das intenções da Negri, por isso nos diz que ela gostaria de esconder a sua experiência interior, conforme as próprias palavras de Paulo: *Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! Ele nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, através da consolação que nós mesmos recebemos de Deus. Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são numerosos para nós, assim também é grande a nossa consolação por meio de Cristo. Se somos atribulados, nós o somos para a consolação e salvação de vocês. Se somos consolados é para a consolação de vocês, para que possam suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos. E a nossa esperança a respeito de vocês é firme, pois sabemos que se vocês participam dos nossos sofrimentos, também participarão da nossa consolação”* (2Cor 1,3-7).

Da compreensão zaccariana do comportamento da Negri, emerge a clara intenção de Paula Antonia de procurar na tribulação da humilhação solicitada voluntariamente, apenas a consolação que vem de Cristo, exatamente de acordo com o ensinamento explícito de Paulo aos cristãos de Corinto, já ministrado por Paulo em outra ocasião: *Nós somos loucos por cause de Cristo; e vocês, como são prudentes em*

Cristo! Nós somos fracos, vocês são fortes! Vocês são bem considerados, nós somos desprezados!” (1Cor 4,10).

Santo Antônio Maria Zaccaria chama a nossa atenção, a respeito de tudo isso,, isto é, que Paula Antonia Negri se inspira concretamente em Paulo, mesmo se não quer que os outros percebam.. De qualquer forma, quando chega a este ponto da carta, Zaccaria conclui sua explicação do relacionamento Barnabé-Saulo, no contexto da estratégia espiritual de Paula Antonia Negri: *“Vou ficando por aqui. Quem quiser observá-la nas suas ações, certamente encontrará nela a figura de Saulo, mas Barnabé dará testemunho de que ela não é o que parece, nem o que era antes”* (10911).

A partir deste ponto a carta endereçada à Negri se torna clara e direta: ela deve abandonar esse caminho espiritual e se preocupar, principalmente, com os aspectos fundamentais da formação que deve ser dada às noviças

Traços do carisma e da espiritualidade de Barnabé

A Carta de Santo Antônio Maria Zaccaria endereçada a Paula Antonia Negri contribui para mostrar um traço característico do carisma e da espiritualidade de Barnabé. Essa característica é a sua **mediação a favor de Saulo**, que tinha aderido à fé em Cristo pouco tempo antes. A mediação de Barnabé foi preciosa para a comunidade cristã de Jerusalém e também para Saulo, mas tem algo característico que é proposto de novo, mais adiante, para o próprio Saulo, da mesma forma que para outro personagem do Novo Testamento. Trata-se de um carisma de Barnabé, um dom que ele soube desenvolver, a tal ponto de transformá-lo numa espiritualidade preciosa para a Igreja de todos os tempos. Por isso, devemos conhecer mais a fundo a figura de Barnabé através das fontes do Novo Testamento.

Não é possível traçar uma biografia de Barnabé a partir das fon-

tes que temos, mesmo levando em conta as muitas referências que se fazem a ele no Novo Testamento: nos Atos dos Apóstolos, na 1ª aos Coríntios, nas cartas aos Gálatas e aos Colossenses, que cobrem um período de aproximadamente trinta anos. A literatura cristã não canônica, ou seja, alguns escritos apócrifos do Novo Testamento, também se ocupam da pessoa de Barnabé.

Os Atos tornam evidente um carisma especial de Barnabé e sua função na montagem abrangente da obra inteira. Já as referências a Barnabé nas cartas paulinas têm um valor histórico mais restrito, mesmo não tendo uma importância secundária.

As informações a respeito de Barnabé estão ligadas à sua pertença ao judaísmo da Diáspora. A família tinha vindo de Chipre (At 4,36), mas Barnabé já morava em Jerusalém, onde também possuía um campo que havia vendido, para colocar à disposição dos Apóstolos o produto da venda (At 4,37).

A função de Barnabé é importante porque conseguiu apresentar Paulo ao grupo dos apóstolos (At 9,27); ninguém em Jerusalém confiava em Saulo, mas o **carisma de Barnabé está exatamente no intuir o potencial de Saulo**, antes que os outros percebessem.

Barnabé é enviado a Antioquia como pessoa experiente e idônea para compreender a novidade de uma comunidade cristã na diáspora que, pela primeira vez unia hebreus e pagãos que acreditavam em Jesus Cristo. Tendo chegado à cidade, Barnabé viu a obra do Senhor e exortou a todos a permanecerem fiéis ao Senhor de coração decidido (At 11,19-24).

Barnabé entendeu a importância de uma experiência de Saulo em Antioquia e, portanto, foi procurá-lo em Tarso e o leva consigo para Antioquia, trabalhando lá por um ano inteiro (At 11,25-26), isso depois que a comunidade de Jerusalém havia mandado Saulo de novo para Tarso (At 9,30).

Barnabé volta com Saulo para Jerusalém, trazendo ajuda para a comunidade local (At 11,27-30).

Barnabé é o chefe da missão no decorrer da primeira viagem missionária. Paulo também participou dessa missão e, ao longo dos acontecimentos da viagem, Barnabé é citado 10 vezes (cf. At 12,25-14,20).

Barnabé é mencionado 9 vezes por ocasião do seu encontro com a comunidade de Jerusalém, levando Paulo consigo, incluindo aí a conotação missionária em relação a Paulo (At 15,2-39).

A forte desavença de Barnabé com Paulo diz respeito ao sobrinho do próprio Barnabé, João Marcos, que havia abandonado os dois na missão anterior na Panfília. Barnabé continua fiel ao seu carisma de **saber recuperar a harmonia** em situações difíceis e as pessoas em quem outros, como Paulo, não conseguiam mais confiar (cf. At 15,36-39).

Barnabé e Paulo foram destinados a pregar o “Evangelho” aos pagãos, o que foi reconhecido oficialmente pelas “colunas da Igreja” em comunhão com os evangelizadores destinados a pregar para os hebreus. Não deviam, porém, se esquecer dos pobres de Jerusalém (Gl 2,1-10).

Paulo cita Barnabé quando trata do costume dos dois de trabalharem com as próprias mãos, renunciando ao direito de serem sustentados pelas comunidades cristãs durante o período da evangelização (cf 1Cor 9,6)

Paulo chama a atenção de Barnabé porque este foi muito condescendente com os judeu-cristãos de Antioquia (Gl 2,11-14). Não parece, porém, que tenham ficado cicatrizes entre Paulo e Barnabé, pois Paulo reconhece que Barnabé tinha razão na desavença que os dois tiveram envolvendo João Marcos (Cl 4,10).

ANÁLISE RETORICO-LITERÁRIA DA CARTA II DE SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA

Por Cristobal Avalos Rojas CRSP

Os Escritos de Santo Antônio Maria Zaccaria estão classificados em três categorias: Cartas, Sermões e Constituições. Neste artigo, analisarei especificamente a Carta II, utilizando a análise retórica para compreender o discurso persuasivo do Santo. De fato, a palavra epistola traduz o latim epistula, que designa a carta. Na verdade, chama-se carta aos escritos geralmente mais breves, enviadas para responder a problemas concretos com os quais se deparará o Santo.

Contextus: Escrita em Cremona no dia 14 de janeiro de 1531. Provocada por algumas incertezas dos primeiros companheiros, que são os destinatários: Bartolomeu Ferrari e Tiago Antônio Morigia. Seu tema é a resolução e decisão de que precisam os chamados a responder à voz divina. O Santo tem pressa de dar começo à tarefa de renovação cristã por meio da projetada Ordem reformadora, ainda rejeitando os defeitos de seus discípulos.

Praescriptum (do latim prae, “antes”, e scriptum, “escrito”) é o começo da carta que inclui: la adscriptio e la salutatio.

“Aos meus queridos companheiros, Bartolomeu e Tiago Antônio. O Deus da paz e de toda graça os guarde e lhes conceda aquela firmeza e decisão em tudo o que fizerem e desejarem, como eu gostaria.” (10201)
= **Adscriptio** (menção aos destinatários):

“Aos meus queridos companheiros, Bartolomeu e Tiago Antônio.”
= **Salutatio** (saudação inicial, em geral muito breve):

“O Deus da paz e de toda graça os guarde e lhes conceda aquela firmeza e decisão em tudo o que fizerem e desejarem, como eu gostaria.” (10201)

Corpus (é o objeto da carta, as razões que se tem para escrever)

Nesta parte o Santo enumera as razões porque o homem é instável e volúvel. Depois descreve as causas e os efeitos de ser irresolutos na vocação e os meios para remediar. Finalmente dá uma forte exortação: “*corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus, porque Ele não precisa de nossos bens.*” (10216)

Figuras literárias (são estratégias que o escritor pode aplicar ao texto para conseguir um determinado efeito na interpretação do leitor): neste aspecto SAMZ utiliza metáforas e comparações.

“*estar entre dois ímãs*” (10204)

“*É igual àquele que quer caçar dois coelhos,* (10204)

as fases da lua, (10205)

erva daninha, (10206 e 10210)

superfície, (10206)

morno, (10207)

corramos como loucos...” (10216)

Captatio benevolentiae (significa literalmente “atrair a benevolência”, visando conquistar a simpatia do leitor) Antônio Maria demonstra um trato de familiaridade e grande afeto:

“*Aos meus queridos companheiros...* (10201)

Meus caros amigos... (10210)

Meus amigos... (10212)

Coragem, irmãos! (10216)...

Lembranças ao nosso amigo comum...” (10217)

Paraphrasis (paráfrase do grego παράφρασις, é “maneira adicional de expressar-se”) Na carta, nota-se que o Zaccaria tem uma clara consciência de querer utilizar a bíblia, de forma quase analógica: a Bíblia ajuda a interpretar as reais situações da vida; cita o texto ou passagem usan-

do outras palavras conforme o seu tempo em que as pessoas tinham pouco aceso às Sagradas Escrituras, então na carta II menciona o profeta Miquéias (6,8), São Paulo (Rm 12,11), São Pedro (2Pd 1,10).

Postscriptum (do latim post, “depois”, scriptum, “escrito”) se situa depois de aquilo pelo qual foi escrito. Poderia compor uma breve saudação ou pode ser um pouco mais amplo e incluir a assinatura do autor.

“Coragem, irmãos! Lembranças... (10216)

Seu irmão em Cristo.

Padre Antônio Maria Zaccaria” (10219)



**São Barnabé,
intercedei por nós**